

**SAMUEL JOSEPH AGNON**  
**AINDA ONTEM**

Tradução do hebraico por  
**Lúcia Liba Mucznik**

## Capítulo I

# No solo da Terra de Israel

### 1

Isaac pisava finalmente o solo da Terra de Israel que toda a sua vida aspirara a ver. Debaixo dos seus pés, as pedras da Terra de Israel, e acima da sua cabeça resplandecia o sol da Terra de Israel. As casas de Jafa erguiam-se e elevavam-se do mar como batalhões de vento e nuvens de esplendor. O mar recuava e avançava para a cidade, mas nem aquele engolia a cidade nem esta bebia o mar. Há uma ou duas horas, Isaac estava no mar e agora estava em terra. Há apenas uma ou duas horas, Isaac bebia o ar de outras terras e agora bebia o ar da Terra de Israel. Ainda não acabara de ordenar os seus pensamentos, vieram ter com ele os marinheiros para exigir dinheiro. Tirou a carteira e deu-lhes. Eles pediram mais. E ele deu-lhes. Voltaram a reclamar mais ainda, e acabaram por pedir uma gorjeta.

Quando ele se libertou dos árabes, apareceu um judeu que lhe pegou nas bagagens. Conduziu-o através de mercados e passagens, becos e pátios. Viu árvores altas, de ramos carregados de tâmaras, e uma espécie de animais estranhos a ruminar. Homens com chapéus pontiagudos gracejavam nas suas línguas. Em cima o sol queimava e em baixo ardia a areia. A carne de Isaac estava em chamas e os nervos eram fogo ardente. Tinha a garganta rouca, a língua como brotoeja e os lábios secos, e o corpo era todo ele um odre de suor. De repente soprou uma brisa leve que trouxe com ela vida. Mas tal como de súbito viera, assim se foi. E de novo foi como se estivesse dentro de uma bolsa de fogo ou de uma piscina de água ardente. Olhou em frente

e ficou espantado. O seu acompanhante levava-o para um pátio e fizera-o entrar numa casa escura cheia de sacos, pacotes, bagagens, mercadorias, cestos e caixas, e disse-lhe, Já vão pôr a mesa, e em breve o chamarão para comer. Isaac procurou as cartas que os dirigentes sionistas em Lemberg tinham escrito sobre ele, a fim de mostrar ao dono da casa que não se enganara sobre ele.

O dono da casa não se enganara sobre Isaac, mas Isaac enganara-se sobre o dono da casa. Aquela casa era uma hospedaria e o dono da casa um hospedeiro, cujas diligências não tinham outro fim senão obter de Isaac o pagamento do quarto e da comida. Se Isaac tivesse ido com os outros homens que se tinham colado a ele no barco, não precisava de ter vindo parar a este albergue, em que a comida era magra e os percevejos gordos, e lhe sugavam o sangue de noite, enquanto os donos lho sugavam de dia. Mas também era possível que aqueles que se tinham atirado a ele primeiro fossem eles próprios estalajadeiros, e que toda a sua simpatia tivesse por objectivo o dinheiro. Isaac conformou-se com a situação e aceitou tudo com amor. E disse para si, Amanhã vou para o campo e não precisarei do dinheiro que trouxe da diáspora, e não faz diferença que me tenham cobrado muito ou pouco.

Isaac passou todo aquele dia e noite na hospedaria. Bebeu muito e dormiu pouco, e esperou pela luz do dia para partir para a colónia agrícola. Quando o dia nasceu, quis partir, mas o dono da casa disse, Come primeiro e depois vais. Quando acabou de comer, preparou-se para partir. O dono da casa perguntou, Para onde vais? Ele disse, Para Petah Tikva. O homem disse, O carro já partiu. Ele pediu para ir para Rishon-le-Tsion. O homem disse, Hoje não há carro para lá. Pediu para ir para outro lugar. E o homem respondeu, Os árabes atacaram esse lugar e destruíram-no. E assim sucessivamente, todos os lugares para onde Isaac queria ir, o dono da pensão arranjava maneira de o impedir. Naquela época, o albergue não tinha hóspedes, e quando um hóspede ia lá parar, o hospedeiro agarrava-se a ele até lhe esgotar o dinheiro. Isaac percebeu a intenção do hospedeiro e foi procurar um carro.

## 2

Isaac foi à procura de um carro. Mal deu um passo, os dois pés enterraram-se na areia. É a areia de Jafa, que se afunda debaixo de ti para te engolir. Mal pões o pé nela, ela esboroa-se e abre-se em buracos.

O sol estava no zénite e batia na cabeça de Isaac. Os olhos encheram-se-lhe de suor salgado e o fogo lambeu-o e abrasou-o. A roupa pesada e o calçado queimavam como brasas. A camisa engomada que vestira em honra da Terra estava encharcada como pão ázimo ensochado, e do chapéu escorriam gotas salgadas pela cara abaixo.

Casas informes erguiam-se espalhadas na areia, que se elevava acima da soleira da porta e corroía as paredes. As janelas estavam fechadas e os estores brilhavam ao sol. Não se via qualquer sinal de vida naquelas casas, só as poças de águas do esgoto das quais saía o mau cheiro atestavam que ali viviam seres humanos.

Isaac caminhava pelo areal de Jafa. Não havia ser humano em terra, nem ave no ar. Apenas o sol entre céu e terra, qual criatura terrível, que não tolera qualquer outro ser à sua face. Se não ficasse queimado pelo fogo, dissolver-se-ia em suor. Já deixara de sentir a roupa e os sapatos, porque ele e eles tinham-se tornado um todo. Por fim, perdeu a própria capacidade de sentir, como se se tivesse desligado de si próprio.

Deus teve piedade dele e ele não perdeu os sentidos. Isaac reconhecia o caminho e sabia que era capaz de voltar ao albergue. Animou-se de coragem e não voltou. Disse para si, Hoje chegarei a uma colónia agrícola, entrarei numa mata e sentar-me-ei à sombra de uma árvore, e nenhum sol do mundo me atingirá. Isaac era um homem imaginativo e imaginava que os habitantes da colónia agrícola tinham plantado florestas para se sentarem à sua sombra.

Passado pouco tempo, Isaac saiu do deserto de areia e chegou a um povoado. Havia ali camelos, burros e mulas carregados de mercadoria, que ali estavam como se a carga não lhes pesasse. Junto dos animais estavam sentados alguns árabes com tubos compridos e coloridos na boca, de olhos postos no céu. E ao lado alguns judeus falavam com os árabes.

Isaac dirigiu-se a um homem. Por favor, senhor, onde poderei encontrar um carro para uma das colónias agrícolas de judeus? O rapaz estendeu a mão e cumprimentou-o. Sorriu e disse, Homem novo, homem novo. Isaac acenou com a cabeça com modéstia e disse,

Cheguei ontem, e agora quero ir para Petah Tikva ou para Rishon-le-Tsion. Saberá o senhor onde posso encontrar um carro? O rapaz respondeu, O Senhor vê uma fila de árvores verdes? Vire por favor na direcção das árvores verdes e aí encontrará o senhor muitos carros que o senhor precisa. Uns vão para Petah Tikva, e outros vão para Rehovot e Rishon-le-Tsion, e outros para as restantes colónias agrícolas dos nossos irmãos filhos de Israel, que se instalaram no solo sagrado da Terra Santa. Era para fazer troça dele que falava com pronúncia asquenazita. Isaac começou a conversar com ele. No fim, entraram num café para beber uma limonada.

Quando entraram, encontraram uma série de homens, sentados juntos, em silêncio e com aspecto desleixado. Ergueram os olhos exaustos para Isaac e observaram-no. Um rapaz do grupo estendeu-lhe a mão e cumprimentou-o, dizendo, Homem novo. E deteve-se nos 'vvvo', como quem silencia os pensamentos e diz, Ch, ch. Isaac retribuiu o cumprimento e disse, Ontem tive a ventura de ascender à Terra de Israel. E, enquanto falava, abanava o chapéu como um leque para refrescar o rosto. Limpou o suor, e disse, Está muito calor aqui. Muito calor. Um dos rapazes disse com surpresa, *Iyar* ainda não terminou e ele já está com calor. Outro olhou para a roupa de Isaac e disse, O Sol entusiasmou-se com um patriota como tu.

Isaac mandou vir uma limonada para si, para o amigo e para os amigos do amigo. Bebeu e não saciou a sede, voltou a beber e não matou a sede. Mal a bebida entrou no corpo, saiu para a cara. Ele pegou no copo e limpou o suor, voltou a limpar o suor e bebeu outra vez. Aquele líquido era agridoce ao princípio, mas no fim inchava o estômago e deixava mau gosto na boca. Os amigos mandaram vir um café preto para lhe tirar o mau gosto.

Um dos rapazes perguntou a Isaac, Que notícias há do mundo? Isaac, que estava convencido de que não havia mundo para além da Terra de Israel, respondeu, Sou novo no país e ainda não ouvi nada. Mas talvez me possas tu contar o que há de novo no país. Um deles respondeu, Queres ouvir notícias? Pois então escuta. Este sítio, o que é? É um café, não é? E este homem que está a falar contigo, o que é? Um trabalhador da terra, não é? E este dia, o que é? Um dia como qualquer outro, não é? E se assim é, porque é que um trabalhador está no café num dia de semana? Porque perguntou a todos os efêndis

das colônias agrícolas de *Eretz* Israel e não encontrou o que fazer. E porque não encontrou o que fazer? Porque o trabalho deles é feito por árabes. E porque não se volta ele para o trabalho de construção, já que está a ser construída uma escola hebraica com dinheiro de um benfeitor judeu, e o apoio de uma comissão de Amantes de Sião em Odessa, que certamente necessitam de mão-de-obra? Mas os administradores da obra rejeitam-nos dizendo que já entregaram o trabalho de construção a empreiteiros, e os empreiteiros rejeitam-nos porque preferem trabalhar com operários estrangeiros, porque são mais baratos. E para que não digam que nos rejeitam porque lhes custamos, segundo os seus cálculos, demasiado em relação ao lucro que pretendem ter, caluniam-nos dizendo que não somos suficientemente qualificados para o trabalho. Não contentes em nos negar o ganha-pão, ainda mancham o nosso nome. Porque é que estás a olhar para mim? Será que percebes a linguagem dos homens?

Isaac entendeu e não entendeu. Entendeu que estavam a construir uma escola hebraica, mas não entendeu a atitude dos empreiteiros. Percebeu que aquele homem se dirigira a todas as colônias agrícolas, e não percebeu porque não arranjou nada. E porque é que não percebeu?, já que estava a ouvir hebraico. Mas aquele falava com pronúncia sefardita, e misturava palavrões russos e árabes com palavras novas recém-criadas no país. Que deleitável era para Isaac a conversa daquele homem, falada em hebraico na Terra de Israel!

Outro camarada interveio, Enquanto alguns funcionários dos nossos organismos nacionais recebem ordenados dignos de um governador, eles queixam-se que nós, os operários, exigimos um salário de dois ou três *bishliks*<sup>(18)</sup> por dia. Talvez sejam mais inteligentes do que nós, mas aproveitam-se dessa inteligência em seu proveito. Erigem-se em administradores do *Yishuv*, ocupam os gabinetes e escrevem memorandos, enquanto nós só temos pele e osso, e carregamos grande parte dos problemas.

Um deles apontou para Isaac e disse, Porque é que vocês estão a assustá-lo? Ao que aquele que falou em primeiro lugar retorquiou, Devo descrever-lhe uma Terra de Israel idílica? Deixo isso para os poetas e os turistas, e pergunto-vos, vocês são os únicos que sofrem?

---

<sup>(18)</sup> Moeda turca.

Porque há aqui pessoas que vieram antes de nós, e se começássemos a contar as dificuldades que eles enfrentaram nunca mais acabávamos. Vieram para uma terra desértica, infestada de malária, de bandos de ladrões, leis duras e governantes cruéis. Construíram casas para si, e os funcionários do governo destruíram-nas. Semearam, vieram os vizinhos e conduziram os animais sobre as searas. Escorraçados, aqueles foram protestar perante o governo que os judeus os tinham atacado. Se restava alguma coisa da colheita, não sabiam se deviam semeá-la no ano seguinte, ou subornar com ela os funcionários para que não distorcessem a lei contra eles. E o que conseguiram salvar das mãos do homem foi-lhes tirado pela mão do Céu. Mas eles não desanimaram, enfrentaram todos os problemas e ergueram o *Yishuv* com sofrimento e transformaram os desertos da Terra de Israel em casas, vinhas e campos.

E tendo narrado os sofrimentos, falou do seu heroísmo, e à medida que contava, os camaradas acrescentaram, e contaram mais e mais. E ali estiveram, sentados, a contar histórias de adversidades e de heroísmo, sobre os que vivem nas planícies e os que vivem nas montanhas, sobre os que vivem nos areais e os que vivem nos pântanos. Sobre aqueles que comem o produto dos seus campos, e aqueles que o país come. É pequeno o nosso país, e grandes os seus problemas. E tendo contado sobre as colónias agrícolas, falaram também da sua criação. E ao contarem, surpreendiam-se consigo próprios por não se terem apercebido até agora do heroísmo deles.

Quão deleitável foi para Isaac aquele momento passado na Terra de Israel, na companhia de trabalhadores da Terra de Israel que lhe falavam da edificação do país. A Terra de Israel só se conquista com sofrimento, e todo aquele que ama a Terra e aceita os seus sofrimentos com amor também merece ver a sua edificação.

Entretanto, a fome começou a atormentá-los. Um dos rapazes do grupo disse, É hora do almoço. Quem tinha um *bishlik* ou meio *bishlik* começou a ponderar se devia comer ao almoço ou à noite, e quem não tinha um centavo sequer não precisava de perder tempo com tais pensamentos. Isaac, a quem custava separar-se do grupo, convidou-os a todos para comerem com ele. Ele queria realmente ir para a colónia, mas valia a pena adiar um dia para estar com eles. Ficaram sentados a comer todos juntos. Eles para se saciarem, e ele, que não estava habituado à comida de Israel, comeu pouco, e mesmo

isso, não de acordo com os seus hábitos. Depois de comerem e de beberem, ele pagou as suas despesas. Que pesada a moeda da Terra de Israel e quantas espécies tem: francos, *medjidie*<sup>(19)</sup>, *bishliks* e *mtaliks*. Se pusessem as moedas todas num prato da balança e a comida toda na outra, as moedas suplantavam a comida.

---

<sup>(19)</sup> Unidade de moeda de prata no período do domínio turco na Palestina.



## Capítulo II

# Fala pouco e assimila muito

### 1

Isaac chegou finalmente à colónia agrícola. Quem imaginará a alegria de Isaac ao ver casas de judeus nas suas povoações rodeadas de campos, vinhas, olivais e pomares. Eram estes campos, vinhas, olivais e pomares que via nos seus sonhos e agora via-os acordado. Naquele momento, Isaac parecia um noivo prestes a entrar sob o dossel nupcial e só lhe faltava um padrinho.

Isaac dirigiu-se a casa de um agricultor para se oferecer para trabalhar. Encontrou-o sentado na varanda envidraçada a beber chá. O sol repousava nos vidros, as árvores do jardim abanavam as suas sombras como leques, e uma paz serena pairava sobre o agricultor e a sua mesa. O agricultor partiu um pedaço de açúcar, chupou-o e bebeu o chá, ao mesmo tempo que olhava para Isaac com benevolência. Este saudou-o, e o agricultor devolveu-lhe a saudação dizendo, Homem novo, homem novo, como um dono de casa satisfeito com o convidado. Isaac respondeu-lhe com modéstia, Há dois dias que tive o privilégio de ascender a *Eretz* Israel para trabalhar a sua terra. Será que há aqui trabalho no campo, na vinha ou no pomar? O dono da casa chupou o açúcar que tinha na boca, bebeu um gole do copo e respondeu calmamente, Já outros te precederam. Isaac invejou aqueles que o tinham precedido para trabalhar, e lamentou ter demorado tanto por causa do dono do albergue. Mas sacudiu a tristeza e a inveja. Disse para si, Se não encontrei trabalho com este, encontrarei com outros. E tal como os outros beneficiaram, também

eu beneficiarei. Despediu-se do dono da casa com uma bênção e foi-se embora.

Depois de se ter ido, começou a pensar que não se comportara correctamente com o dono da casa, pois devia ter ficado um pouco mais e mostrar-lhe o seu apreço, já que ele o recebera de boa vontade, e estava disposto a contratá-lo para trabalhar se não tivesse sido precedido por outros. Confiou que o agricultor não lhe levasse a mal, porque tinha pressa em procurar trabalho.

Isaac foi à casa do vizinho. Este não o acolheu com simpatia nem o olhou com prazer. É uma vergonha dizer que nem respondeu à sua saudação. Isaac julgou-o com benevolência: talvez tivesse tido uma contrariedade e o seu coração não estava receptivo. Começou a procurar palavras para o consolar. O agricultor olhou para ele zangado e disse algo em língua russa, que Isaac não conhecia. A mulher do agricultor apareceu e disse-lhe para se dirigir aos vizinhos. E fez-lhe sinal para a esquerda. Isaac desculpou-se por tê-la incomodado e ao marido. Ela sacudiu a cabeça com tristeza pelos rapazes judeus que dão cabo das pernas a andar de um lado para o outro à procura de trabalho. Isaac despediu-se dela e dirigiu-se a outro vizinho.

Arranjou a gravata, abanou o chapéu em frente da cara para a refrescar e bateu à porta. Não houve resposta. Voltou a bater, mas ninguém respondeu. Contornou a casa e encontrou outra porta. Bateu, mas não lhe abriram. Pendurou-se no parapeito da janela e espreitou para dentro da casa. Viu que o quarto estava vazio. Espreitou por outra janela. Ouviu uma espécie de movimento e viu ratos a roerem em casa. Que coisa estranha, uma casa vazia, abandonada pelos moradores e os vizinhos não sabem.

Afastou-se e foi para outra casa, aninhada entre pinheiros e flores e rodeada por uma cerca de ferro, decorada com flores em bronze e um sino pendurado na entrada. A porta estava aberta, pelo que Isaac não teve necessidade de tocar o sino para anunciar a sua chegada. Esfregou os sapatos e arranjou a gravata, subiu os degraus de pedra e entrou num bonito átrio cheio de belos objectos. Casa e objectos tão bonitos como aqueles nunca Isaac vira na sua cidade. Ficou orgulhoso pelo seu irmão judeu e sentiu-se humilde, como se sentem as pessoas simples ao entrarem numa casa grande.

No átrio encontrou Isaac um rapaz de pé, qual pobre à porta de uma casa. Embora a sua roupa e sandálias dessem a entender que era um trabalhador, custava a imaginar que um trabalhador da Terra de Israel vestisse roupas tão miseráveis. Seja como for, Isaac tirou o chapéu e segurou-o na mão, tal como o rapaz fazia.

De um quarto dentro da casa, ouviu-se falar numa língua que Isaac não conhecia, mas que reconheceu ser francês. Abriu-se uma porta da qual saiu uma senhora aperaltada, pintada e bem vestida. Fechou a porta atrás de si, disse qualquer coisa numa língua que Isaac não conhecia, mas que percebeu ser russo. Ela voltou imediatamente para trás, e fechou a porta. O rapaz disse a Isaac, Não precisas de esperar, porque na resposta que ela me deu encontras a resposta às tuas perguntas. Isaac percebeu o que ele queria dizer e que não havia ali nada para si.

O rapaz tirou as sandálias, pegou nelas e saiu. Isaac seguiu-o. Desceram os degraus de pedra e fecharam o portão atrás de si. O sino tocou. Isaac olhou para o chão. Viu que os pés do rapaz estavam descalços. Os seus pés encolheram-se dentro dos sapatos, como se tivessem sido picados por espinhos. O rapaz cuspiu e disse, Bebeste chá? Isaac olhou para ele com surpresa. Para que era o chá para ali chamado? Mas como estava cansado, arrastou-se atrás do companheiro, que andava calado com as sandálias na mão.

## 2

O sol pôs-se, coroando a aldeia com o ouro do seu fogo. As ruas começaram a encher-se de homens velhos e novos, de mulheres e moças. Os velhos iam rezar, os jovens iam ver chegar a diligência que voltava da cidade, e as mulheres iam receber os maridos que regressavam na diligência. E outros iam sem motivo. Alguns falavam dos acontecimentos na aldeia e outros mediam a sua sombra.

A calma pairava sobre toda a aldeia e uma espécie de calor húmido brotava e ascendia da terra. De cima vinha o cheiro das árvores e de baixo o das ervas, e o sol poente nimbava os rostos das gentes, tornando-as mais conciliadoras umas com as outras. A terra abriu-se de súbito, e uma nuvem de árabes cobriu a aldeia. Andavam em

grupos de três, uns atrás dos outros. De um momento para o outro a aldeia encheu-se de árabes, e no momento a seguir todos os judeus desapareceram no meio daquela população. Isaac começou a ter medo, como se estivesse numa feira de gentios. O seu companheiro pôs-lhe a mão no ombro e disse, Estás a ver esta gente? São operários que trabalham para os nossos irmãos agricultores. Olha como estão cheios de pó. Vem, amigo, vamos lavar a garganta com um copo de chá.

Continuaram a andar até ao fim da aldeia, até uma ruína que ali tinham deixado ficar como exemplo das primeiras casas. O camarada de Isaac contornou a ruína e entraram os dois num quarto de paredes com rachas, telhado em mau estado e chão feito de metade terra batida, metade pedras. A porta tinha dois buracos por onde espreitava a luz. O dono da casa pousou a mão no ombro do hóspede e disse, A minha casa é tua. Sentou Isaac na cama e disse, Já vamos beber chá.

Saiu e trouxe água do poço, pegou numa cafeteira e preparou o fogareiro a petróleo. Pousou a cafeteira e ateou a mecha. Esta acendeu-se e iluminou o quarto. O dono da casa rasgou uma folha do jornal *Há'Poel Há'Tsair*<sup>(20)</sup>, *O Jovem Trabalhador*, e colocou-a em cima de uma caixa, como quem estende uma toalha numa mesa, e olhou com benevolência para Isaac. Pegou em pão, azeitonas e tomates e disse, Toma e come.

Isaac nunca estivera sentado à mesa de outras pessoas, nem provar azeitonas e tomates. Ainda não sabia que os tomates eram comida de gente, porque na sua cidade chamavam aos tomates 'maçãs tolas', e as pessoas inteligentes não lhes pegavam. E eis que, de repente, estava sentado à mesa de outra pessoa, com azeitonas e tomates à sua frente. A fome veio e sussurrou-lhe, Come. Pegou numa fatia de pão e em duas ou três azeitonas, orgulho da Terra de Israel, mas ignorou os tomates. Como o sabor das azeitonas lhe torceu a boca, o dono da casa riu e disse, Se hoje torces a boca, amanhã alegrar-te-ás com elas, pega num tomate e come. Isaac pegou num pedaço de tomate, comeu um pouco e deixou o resto, como quem diz, não é doce nem salgado. O amigo olhou para ele e disse, Se queres ser um filho da Terra de

---

<sup>(20)</sup> Nome do semanário criado em 1907 pela facção sionista socialista, não marxista, de partido homónimo, fundado em 1905, por membros da Segunda *Aliá*, na Palestina otomana. O semanário manteve-se activo e foi muito influente até 1970.

Israel, come o que há. Aproxima o teu copo que eu deito-te mais chá. Isaac aproximou o copo, e o dono da casa deitou-lhe chá, que era a sua bebida preferida. Na verdade, Isaac não estava habituado a muitas bebidas, mas de todas as que bebera, nenhuma lhe soube tão bem como aquela naquele momento.

Depois de beber até se saciar, olhou para o dono da casa e pensou, Que resposta acertada dei eu àquele velho no barco quando me perguntou se eu tinha parentes na Terra de Israel, e eu lhe respondi, Todos os judeus são amigos, sobretudo na Terra de Israel. Mais vale um amigo perto do que um parente longe, já que entre todos os parentes não achara amigo ou meio amigo, porque eles discordavam dele por se ter dedicado ao sionismo. E as divergências de opinião acabaram por divergir os corações. Entre os parentes de Isaac havia hassides e adeptos da *Haskalá*, o Iluminismo. Entre os hassides, alguns consideravam-no herético, e entre os adeptos da *Haskalá*, alguns tomavam-no por um hasside tolo. Uns afastaram-no por heresia, e os outros pelo seu judaísmo excessivo. Havia ainda entre os parentes de Isaac quem o considerasse um inútil, que não mexia um dedo para ganhar dinheiro. Os colegas do *heder*<sup>(21)</sup> ou do *Beit Há'Midrash*<sup>(22)</sup>, a Casa de Estudo, também não se afeiçoaram a ele. Os filhos dos ricos, porque ele era pobre, e os filhos dos pobres invejavam-no porque ele se tornara arrogante pelo seu sionismo. Em suma, enquanto não ascendeu à Terra de Israel não encontrou um amigo. E logo que ali chegou, encontrou.

O nome deste amigo era Rabinovitch. Se conheceres dez judeus russos, fica sabendo que nove deles se chamam Rabinovitch. Na cidade de Isaac ninguém tinha esse nome. Ele conhecia o nome dos livros e dos jornais, já que alguns escritores e sionistas conhecidos se chamavam assim. Rabinovitch agradou a Isaac, pela sua pessoa e por causa do nome.

Rabinovitch perguntou a Isaac, Tens vontade de beber mais? Não. Nesse caso, vamos apagar o fogareiro e acender o candeeiro. Quando ele acendeu o candeeiro, entraram mosquitos e outros insectos de asas,

(21) Literalmente «quarto», nome dado à escola religiosa infantil que, no passado, era por vezes ministrada na casa de um rabino ou professor.

(22) «Casa de estudo», local dedicado ao estudo da Tora.

que esvoaçavam de um lado para o outro, da cara do dono da casa para a do visitante, e deste para a do dono da casa. Vendo que Isaac encolheu o ombro, Rabinovitch apressou-se a matar um escorpião na parede com a sandália. Atirou-o e disse, São visitas regulares na minha casa. Porque é que te assustas tanto? Agora falemos um pouco dos teus assuntos. Então, vieste da Galícia? Diz-me lá, porque é que as pessoas do teu país são tão relutantes em vir para a Terra de Israel? Será que estão à espera que o imperador Francisco José os traga para cá em coches dourados? Parece-me que, para além do Rabi Benjamin e do Doutor Tahon, nunca vi ninguém da Galícia. São naturais da tua cidade? Mas conheces os artigos do Rabi Benjamin?

## 3

Ouviu-se uma voz à porta e entrou um rapaz. Saudou o dono da casa e olhou com curiosidade para o visitante. Tenho a honra de te apresentar o nosso novo hóspede, disse Rabinovitch. Ai, esqueci-me de lhe perguntar o nome. Chamemo-lo então ‘irmão de desventuras’. O rapaz estendeu a mão a Isaac, cumprimentou-o, e disse, E eu sou o ‘companheiro de infortúnio’. E para que ele não pensasse que lhe escondia o nome, repetiu, É mesmo esse o meu nome, companheiro de infortúnio.

Gurishkin era o nome do companheiro de infortúnio. E porque é que lhe chamavam assim? Porque onde quer que os camaradas fossem procurar trabalho, e não arranjavam, encontravam-no. Não havia trabalho no campo, vinha ou pomar que ele não tivesse procurado, e não havia trabalho em que ele não tivesse sido preterido pelos árabes. Estes deixaram-lhe um único lugar – o lagar. E agora tinha de ir para Rishon-le-Tsion, ou para Zikhron Yaakov, talvez lá encontrasse trabalho.

Rabinovitch examinou a cafeteira e viu que ainda estava quente. Serviu-lhe um copo dizendo, De certeza que não jantaste. Toma, come. Gurishkin disse, Deixa-me pensar primeiro quando foi a última vez que jantei. Disse Rabinovitch, Come primeiro, a seguir trataremos da crónica da fome. Tens aqui pão, azeitonas e tomates. Põe açúcar no chá e adoça-te a vida.